

OS MONGES E O REI: UMA INTRODUÇÃO À HISTÓRIA RELIGIOSA E POLÍTICA DA ETIÓPIA MEDIEVAL

Monks and the King: An Introduction to Religious and Political History of Medieval Ethiopia

Olivia Adankpo-Labadie¹⁵³

Resumo

A Etiópia cristã foi o principal poder no Chifre da África na Idade Média. Herdeira do antigo reino de Aksum, a Etiópia se converteu ao cristianismo logo no século IV. Os governantes deste reino se converteram à fé cristã e confiavam na Igreja a fim de legitimar e consolidar seu poder. Desde o início, a Igreja da Etiópia esteve ligada ao Patriarcado de Alexandria, e estabeleceu relações com a Cristandade Ocidental e Oriental. Durante os séculos XIV e XV, os governantes da assim chamada dinastia salomônica tentaram reforçar o reino da Etiópia ao afirmar sua proteção sobre a Igreja Etíope e tentar controlar as instituições monásticas. Entretanto, esta política de proteção sobre as instituições eclesiásticas e mosteiros não era do agrado de alguns monges, que a viam como uma interferência nas questões religiosas e um desejo de controle. Desta maneira as relações entre os governantes etíopes e os monges ocupam o centro da Etiópia cristã medieval. Este artigo visa traçar essa história, apoiando-se nas pesquisas mais recentes.

Palavras-chave: Etiópia Medieval; História Etíope; Monges; Monaquismo; Fontes Etíopes; Reis Etíopes.

Abstract

Christian Ethiopia was the main power in the Horn of Africa in the Middle Ages. Heir to the ancient kingdom of Aksum, Ethiopia converted to Christianity as early as the 4th century AD. The rulers of this kingdom converted to the Christian faith and relied on the Church to legitimize and consolidate their power. From the beginning, the Church of Ethiopia was attached to the Patriarchate of Alexandria and established relations with Eastern and Western Christianity. During the 14th and 15th centuries, the rulers of the so-called Solomonic dynasty tried to reinforce the kingdom of Ethiopia by asserting their patronage over the Ethiopian Church and by attempting to control the monastic institutions. However, this policy of patronage over ecclesiastical institutions and monasteries was not to the liking of some monks who saw it as interference in religious affairs and a desire for control. Thus, the relations between Ethiopian rulers and monks were at the core of Medieval Christian Ethiopia. This article aims to trace back this history by relying on the most recent research.

Keywords: Medieval Ethiopia; Ethiopian History; Monks; Monasticism; Ethiopic Sources; Ethiopian Kings.

¹⁵³ É professora de História Medieval na Université Grenoble Alpes, França. É membro do Laboratoire Universitaire Histoire Cultures Italie Europe. É especialista em história da Etiópia medieval (séculos XIII a XVI) e contactos entre a África Oriental e os mundos mediterrâneos na Idade Média.

A Etiópia é uma das civilizações cristãs mais antigas do mundo: desde meados do século IV, seus governantes adotaram a fé cristã e confiaram nesta nova religião para consolidar seu reino.¹⁵⁴ O cristianismo teve assim um impacto duradouro na história e nas instituições da Etiópia, tanto em suas paisagens, através da presença de igrejas monumentais de pedra e numerosos lugares de culto, como na vida diária dos fiéis que pertencem à Igreja Ortodoxa.

Na Etiópia contemporânea, o monaquismo, em todas as suas formas, permanece muito vivo. Estima-se que mais de mil instituições monásticas ainda estejam ativas, especialmente no norte e centro do país. Muitas dessas instituições foram estabelecidas no período medieval, ou seja, para o mundo etíope, entre o século XII e o início do século XVI.

Os monges, homens e mulheres, e os mosteiros desempenharam um papel absolutamente essencial na história do reino cristão da Etiópia na Idade Média.¹⁵⁵ De fato, toda a documentação etíope, seja produzida por monges ou na corte real, revela tanto a influência considerável dos monges quanto a ambivalência de seu lugar na sociedade cristã. Os monges, por serem especialistas em intercessão, levam uma vida ascética e são os principais produtores da cultura escrita, sendo vistos como garantes da espiritualidade etíope. Os monges podem ser fortes apoiadores do poder real, como já assinalou Taddesse Tamrat (1972), e mais recentemente Marie-Laure Derat (2003). Durante o período medieval, por outro lado, certos movimentos monásticos parecem ser vozes de protesto, às vezes enfrentando ondas de perseguição.¹⁵⁶ A evolução da relação entre os monges e as elites eclesiásticas e seculares entre o início do século XIII e o final do século XV está no coração da história etíope. É esta história que tentaremos remontar, com base no renascimento dos estudos etíopes e na análise das fontes escritas etíopes.¹⁵⁷

Primeiro, veremos as origens do cristianismo na Etiópia no final da Antiguidade, depois mostraremos que o monaquismo foi uma instituição essencial deste reino na Idade Média, e depois mostraremos que os monges poderiam estar a serviço dos governantes etíopes, mas que as redes monásticas opostas ao poder real também se desenvolveram durante os séculos XIV e XV.

Etiópia, uma antiga cristandade (séculos IV – VII)

Um reino medieval entre dois patrimônios: o império antigo de Aksum e a Igreja do Egito

Hoje, a Etiópia é um estado localizado no Chifre da África com Adis Abeba como sua capital. As fronteiras atuais da Etiópia são o resultado tanto da política expansionista do rei Menelik II (1889-1913) e também da formação de uma entidade política independente na Eritreia, em 1991. Quando se volta no tempo, a extensão geográfica da Etiópia é muito diferente. No mundo antigo, além disso, o antigo reino não era referido como “Etiópia”, mas como o reino de Aksum ou Axum. O topônimo Aksum refere-se a uma cidade, a capital de um império epônimo localizado nas terras altas do norte da atual Etiópia e Eritreia. Aksum tornou-se o centro de um cristianismo africano aberto ao Oriente Próximo. A história da Etiópia tem, portanto, suas origens no reino de Aksum.

¹⁵⁴ Veja Derat (2017).

¹⁵⁵ Para uma introdução ao monaquismo etíope, veja Lusini (2011) e Lusini (2020). Veja também Kaplan (2007) e Kaplan (2014) para uma rápida visão geral.

¹⁵⁶ Para uma visão geral, veja Getatchew Haile (1981) e Piovanelli (1995).

¹⁵⁷ Sobre o renascimento dos estudos etíopes, veja Kelly (2020).

Desde o primeiro século depois de Cristo, o império axumita era uma grande potência, controlando o comércio entre o Chifre da África e o Mar Vermelho.¹⁵⁸ Este reino havia adotado os cultos da Península Arábica do Sul. É, portanto, um espaço de contactos entre as civilizações do antigo Oriente. Foi neste contexto que ocorreu a cristianização do império de Aksum. Ela data do século IV, quando ‘Ēzānā, governante da Aksum entre 320 e 370, se converteu ao cristianismo e espalhou a nova fé em seu reino.

A cristianização do reino de Aksum é conhecida de fontes numismáticas, epigráficas e textuais.¹⁵⁹ Estes diferentes testemunhos colocam a difusão do cristianismo no século IV, mesmo se relacionando com circunstâncias diferentes. De acordo com a documentação numismática e arqueológica, o rei Ezana foi o primeiro rei de Aksum a adotar a religião cristã. Embora as condições exatas de sua conversão ainda sejam motivo de debate, como com o imperador romano Constantino, sua adesão ao cristianismo provavelmente ocorreu depois de 340. Em torno desta data, grandes mudanças podem ser observadas em suas inscrições e moedas: elementos que mostram o culto às divindades são abandonados em favor da cruz e a adoção de um vocabulário claramente cristão.

Ao mesmo tempo, o testemunho de Rufino de Aquileia, preservado na *História Eclesiástica*, refere-se a outras circunstâncias.¹⁶⁰ Rufino de Aquileia foi um autor latino da Itália na segunda metade do século IV. No modelo de Eusébio de Cesaréia, um bispo e autor cristão que escreveu para o imperador romano Constantino, ele escreveu uma história da Igreja antiga, que também é chamada de *História Eclesiástica*. A evangelização da Etiópia é apresentada de uma forma dramática e extraordinária. Segundo Rufino de Aquileia, Frumêncio e Edessa, duas crianças de Tiro, foram responsáveis pela propagação do cristianismo na Etiópia, depois de terem naufragado e compartilhado sua fé com o rei pagão. Como adultos, Edessa voltou a Tiro, enquanto Frumêncio foi ao Patriarca de Alexandria, Atanásio, para informá-lo da presença de uma comunidade cristã na Etiópia. Atingido pela piedade de seu interlocutor, o patriarca nomeou Frumêncio como o primeiro bispo da Etiópia.

Parece que a nova fé não se espalhou muito além da comitiva real. Após sua conversão, os governantes axumitas tentaram impor seu domínio no Mar Vermelho, especialmente na Arábia. A difusão do cristianismo na Etiópia foi associada desde o início à Igreja do Egito: a jovem Igreja estava sujeita ao patriarcado de Alexandria. Foi o patriarca de Alexandria que nomeou o bispo responsável pela Etiópia, que foi chamado de metropolitano (em língua etíope, *pāppās*). Este último é recrutado entre os monges egípcios. É, portanto, um estrangeiro, um monge egípcio, que lidera a Igreja etíope, o único que tem o direito de ordenar sacerdotes e consagrar igrejas. Foi ele também quem estabeleceu a ortodoxia e a lei canônica de acordo com os preceitos da Igreja de Alexandria. Esta situação durou até 1959.

2. O florescimento de uma espiritualidade original e de uma literatura etíope

A evangelização do Aksum foi acompanhada pela tradução da Bíblia grega, que começou na virada dos séculos IV e V, e provavelmente foi concluída no final do século VI. A Bíblia foi traduzida para gueês, a língua mais antiga do grupo etio-semita. Esta linguagem, derivada de uma forma cursiva da Arábia do Sul, foi primeiramente transcrita com um sistema de escrita consonantal, e depois silábica. O gueês tornou-se a língua da cultura, liturgia e textos religiosos utilizados na Igreja Etíope até hoje. A Bíblia, Vidas dos Santos, os textos litúrgicos e os relatos historiográficos foram copiados ou escritos em gueês.

¹⁵⁸ Para uma introdução ao reino de Aksum, veja Phillipson (1998).

¹⁵⁹ Veja Robin (2017).

¹⁶⁰ Para uma apresentação da obra de Rufino de Aquileia, veja Thélamon (1981).

Estes relatos historiográficos foram chamados de *gadl* (no plural, *gadlāt*). Os monges são, portanto, os principais produtores de textos na língua gueês na Idade Média. Foram eles que copiaram e compuseram não apenas textos religiosos, mas também narrativas historiográficas, documentos administrativos e arquivos, como por exemplo títulos de terra. Assim, a Igreja etíope afirmou uma espiritualidade original, afastando-se das normas fixadas por Alexandria. Esta espiritualidade singular floresceu especialmente a partir do final do século XII, quando o monaquismo decolou. Esta espiritualidade também se reflete na produção na Idade Média de uma literatura abundante em gueês.

Etiópia Medieval, uma terra de monges

As origens do monaquismo etíope entre a história e a lenda

O monaquismo etíope é herdeiro do eremitismo egípcio e do cenobitismo: todo monge etíope afirma ser descendente dos Pais do Deserto (Antônio, Macário e Pacômio), como mostra a genealogia do monge Takla Hāymānot:

*Abbā Antônio estava vestido com o hábito monástico pela mão de Nosso Senhor Jesus Cristo. Abbā Antônio gerou Macário o Grande; e abbā Macário gerou abbā Pacômio, o Arquimandrito; e abbā Pacômio gerou abbā Teodoro; e abbā Teodoro gerou abbā Aragāwi, que é Zamikā'él. E abbā Aragāwi veio para a Etiópia e gerou Krestos Bezāna; e abbā Krestos Bezāna gerou abbā Masqal Mo'a; e abbā Masqal Mo'a gerou abbā Yohānni ; e abbā Yohānni gerou Iyyasus Mo'a com o hábito (monástico) (*qamis*) e o cinto (monástico) (*qenāt*); e abbā Iyyasus Mo'a gerou abbā Takla Hāymānot com o hábito (monástico) (*qamis*) e o cinto (monástico) (*qenāt*). Abbā Takla Hāymānot deixou Hāyq, e foi até Dabra Dāmo; lá ele recebeu o boné (monástico) (*qob'*) e o askēmā das mãos de abbā Yohānni. Depois ele foi a Jerusalém, três vezes em uma temporada.¹⁶¹*

De acordo com uma tradição lendária, os primeiros assentamentos monásticos foram fundados na virada dos séculos V e VI por nove monges, comumente chamados “Nove Santos”. Diz-se que os “Nove Santos” são um grupo de nove monges estrangeiros de *Rom*, ou seja, do Império Bizantino.¹⁶² Constantinopla, capital do Império Bizantino, de fato é chamada a nova Roma. Embora seja difícil distinguir entre lenda e realidade histórica na ausência de fontes confiáveis, os historiadores abandonaram a hipótese de que o reino de Aksum foi evangelizado por monges que vieram das regiões bizantinas e falaram siríaco.¹⁶³ As primeiras atestações de fundações monásticas datam do século VIII; depois o monaquismo se espalhou por todo o reino. A partir do século XIII, houve um aumento do número de fundações monásticas em todo o reino: principalmente nas regiões Amḥarā e Šawā os séculos XIII e XIV. O monaquismo tornando-se uma instituição essencial e uma verdadeira questão de poder.

Embora os monges tenham sido retirados do mundo, eles desempenharam um papel essencial na sociedade etíope, como em qualquer outro lugar do mundo bizantino ou do Ocidente medieval. Eles prestaram uma variedade de serviços espirituais, mas acima de tudo participaram da difusão do cristianismo em todo o reino, tanto no norte quanto no sul.¹⁶⁴ A Etiópia está entrelaçada com mosteiros, é uma terra de monges, como é hoje onde o monaquismo permanece muito vivo.

Como no Ocidente e no mundo bizantino, os monges também desempenharam um papel econômico fundamental – os mosteiros tinham terras e recebiam presentes de vários

¹⁶¹ Texto editado e traduzido por Getatchew Haile (1982-1983, pp. 23-25).

¹⁶² Brita (2010).

¹⁶³ Veja o último trabalho de Marie-Laure Derat (2018, pp. 90-92).

¹⁶⁴ Kaplan (1984).

tipos da família do governante ou de famílias aristocráticas locais.¹⁶⁵ Como a Etiópia medieval era exclusivamente rural, os mosteiros também organizaram o território e estruturaram o espaço, espalhando-se em uma rede mais ou menos densa. Os monges etíopes aparecem como atores e escritores essenciais da história etíope sob o reinado do Zāg^wēs e dos Salomanianos. Os monges mantiveram relações complexas com o episcopado e a aristocracia, às vezes aliados, às vezes adversários.



Imagem 1 - Mosteiro de Dabra Damo (Tegrāy)
© Damien Labadie (2011)

Monges, aristocratas e o rei: o estabelecimento de relações cooperativas e competitivas (séculos XI-XV)

O Zāg^wēs e os Salomanianos: a afirmação de uma realeza dinástica e davídica na Etiópia (final do século XI- meados do século XV)

Após a queda do império do Aksum e um período pouco conhecido do século VIII ao final do século X, uma nova dinastia de governantes, os Zāg^wēs, chegou ao poder no final do século XI e se estabeleceu nos remanescentes do antigo reino aksumita, bem como nas regiões centrais da Etiópia (indique as regiões Lastā e Amḥarā), das quais eles vieram. Estes reis zāg^wēs mantiveram e desenvolveram o cristianismo. De acordo com os poucos documentos arqueológicos e textuais que temos, estes reis se representam segundo o modelo do rei bíblico.¹⁶⁶ O rei deve garantir que o culto seja respeitado, ele também é o benfeitor das igrejas e o adepto de Cristo. Por exemplo, Tanṭawedem, um dos primeiros Zāg^wēs (final do século XI - e início do século XII), leva o nome do reinado de Salomão. O mais famoso dos reis zāg^wēs é Lālibalā.¹⁶⁷ Ele reinou entre cerca de 1204 e 1225. Ele generosamente dotou as igrejas. Este governante aparece especialmente como o construtor do notável complexo monumental de igrejas rupestres. Este sítio leva o nome do rei: são as chamadas igrejas de Lalibala.¹⁶⁸ Estas igrejas são construídas como uma réplica de Jerusalém (Gólgota). Lālibalā manifesta claramente seus compromissos religiosos e defende a ortodoxia.

¹⁶⁵ Para comparações interessantes veja, por exemplo, Benoît-Magenis (2017).

¹⁶⁶ Derat (2018, pp. 29-86).

¹⁶⁷ Ver a recente atualização sobre este soberano: Derat (2018, pp. 147-194).

¹⁶⁸ O estudo de Marie-Laure Derat renovou completamente nosso conhecimento deste site e o papel de Lālibalā em sua fundação (2018). O historiador escolhe distinguir as igrejas do nome do rei e refere-se ao site como as “igrejas de Roḥā” (2018, pp. 163-164).

Depois da morte do último rei zāg^wē, cujo nome era Yetbārak, um jovem príncipe da região central Amḥarā, Yekuno Amlāk tomou o poder na Etiópia em 1270 e derrubou a dinastia de Zāg^wēs. Yekuno Amlāk reivindicou a descida da Rainha de Sabá e Salomão: isto marcou a chegada ao trono dos Salomanianos, presente até a queda do Imperador Haile Sellasié em 1974. Durante os séculos XIV e XV, os governantes da chamada dinastia “salomônica” continuaram a expansão e consolidação do reino etíope.¹⁶⁹ Esses governantes procuraram acima de tudo aumentar sua autoridade sobre a Igreja e as instituições monásticas. Ao mesmo tempo, eles desenvolveram a ideologia real e fundaram uma realeza dinástica sob o modelo bíblico. Esta atitude levou ao estabelecimento de relações contrastantes com os monges, que oscilaram entre a cooperação e o conflito.

Iyasus Mo’a e Takla Hāymānot, os santos abades apoiadores do poder salomônico (final do século XIII - primeira metade do século XIV)

Desde o advento dos Salomonianos, dois mosteiros cobiçaram a preeminência sobre o monaquismo etíope valorizando sua proximidade com o poder real: estes dois mosteiros são Dabra Hāyq Estifānos e Dabra Asbo, o chamada Dabra Libānos.¹⁷⁰

Dabra Hāyq Estifānos, um antigo mosteiro, tem sido governado desde a segunda metade do século XIII por Iyasus Mo’a. A Vida, o texto hagiográfico deste abade e os arquivos de seu mosteiro reforçaram o entendimento existente entre Iyasus Mo’a e o novo governante Yekuno Amlāk (1270-1285).¹⁷¹ O mosteiro de Dabra Hāyq Estifānos proclama alto o rei Yekuno Amlāk (1270-1285) como o restaurador da linhagem real israelita diante do Zāg^wēs, que são desqualificados e apresentados como usurpadores. Esta concepção reflete a ideologia presente na narrativa da *Ḳebra Nagašt* (*Glória dos Reis*). Esta história descreve o caso de amor entre a Rainha de Sabá e Salomão, e como seu filho Menelik traz as instituições do reino de Israel para a Etiópia.¹⁷² A Etiópia torna-se, assim, o novo Israel.

Os monges da Dabra Hāyq Estifānos também reivindicam o patrocínio real sobre seu acordo, alegando que Iyasus Mo’a e Yekuno Amlāk estavam vinculados por um pacto: o rei tinha se comprometido a proteger o mosteiro e seus bens e a dotá-lo generosamente. Além disso, o mosteiro funcionava como o centro intelectual e religioso do reino: foi entre os membros deste convento que foram recrutados os conselheiros do rei e os clérigos da capela real.

Dabra Asbo, chamada também Dabra Libānos, foi fundada em 1284 pelo monge Takla Hāymānot. Ele é um dos santos mais venerados da Igreja Etíope. Ele se distingue, como já vimos, pela multiplicidade de suas viagens evangelizadoras. Os redatores de sua Vida, produzida no século XV, insistem novamente em sua proximidade com Yekuno Amlāk e fazem dele o novo santo padroeiro da Etiópia. Takla Hāymānot participou do desenvolvimento de muitas fundações da Dabra Libānos. No século XV, a Dabra Libānos constituiu a rede monástica mais importante da Etiópia.

A constituição de redes monásticas como parceiros do poder real no sul da Etiópia (final do século XIII – século XIV)

¹⁶⁹ Derat (2003).

¹⁷⁰ Sobre o lugar destas instituições monásticas na realeza etíope ver Derat (2003, pp. 87-136).

¹⁷¹ Bertrand Hirsch analisou a importância do relato hagiográfico deste santo e dos arquivos deste mosteiro (Hirsch, 2003, pp. 321-329).

¹⁷² Este famoso texto se beneficiou de várias traduções, uma para o alemão (Bezold, 1905), outra para o inglês (Budge, 1922) e várias para o francês (Colin, 2002 e Beylot, 2008). A tradução de Robert Beylot inclui um comentário crítico particularmente bem documentado. Sobre a história e interpretação deste texto complexo, veja Fauvelle-Aymar e Hirsch (2001, pp. 59-109); Munro-Hay (2001, pp. 43-58); Bausi (2016, pp. 91-162) e Piovanelli (2013, pp. 7-44).

Os governantes da dinastia salomônica estabeleceram assim relações privilegiadas com alguns dos mosteiros do centro e do sul do reino. O estabelecimento dessas relações de cooperação é particularmente evidente na prática do patrocínio dos mosteiros reais. Foi assim que os soberanos exerceram um controle real sobre alguns dos mosteiros. Marie-Laure Derat demonstrou como a constituição de um domínio real nas regiões Amḥarā e Šawā durante do século XIII ao século XVI foi intrinsecamente ligada ao patrocínio real de estabelecimentos religiosos (2003, pp. 209-313). O domínio dos reis etíopes foi estruturado pela presença de mosteiros, que eram firmes apoiadores do poder real.

O rei Dāwit (1382-1413), por exemplo, foi responsável pelo estabelecimento de um mosteiro no Amba Gešēn. Os governantes etíopes confiaram nos mosteiros afiliados à Dabra Ḥāyq e Dabra Libānos para ancorar seu governo nas províncias de Amḥarā e Šawā, e sobrepujaram suas próprias fundações a essas redes monásticas. Desta forma, as igrejas e mosteiros controlados pelo rei tornaram-se verdadeiros problemas de poder. Relés da autoridade real, estes lugares formam as principais bases da realeza medieval etíope, como explica Marie-Laure Derat (2003, pp. 259-313).

Alguns monges foram recrutados dentro da corte e tiveram carreiras brilhantes, como o monge Giyorgis (o Giorgio) de Saglā, que viveu na virada dos séculos XIV e XV: ele morreu por volta de 1430. Ele foi uma das mentes mais brilhantes da Idade Média etíope e autor de numerosos tratados e obras teológicas.¹⁷³ Ele foi tutor de príncipes e trabalhou para o *scriptorium* real durante os reinados de Tēwodros (1413-1414) e Yesḥāq (1414-1430). Seu relato hagiográfico também reflete o surgimento de um novo modelo de Vida de Santo promovendo o monge aliado do rei:

Depois disso, levaram nosso pai Giyorgis e o levaram para a corte interna do palácio real e o contaram com os sacerdotes do Tabernáculo no lugar de seu pai, que se tornara monge. Depois que seu pai se tornou um monge, (Giyorgis) ficou algum tempo ensinando o filho do rei, Zar'a Abreham, e seus companheiros. [...] Depois disso, nosso pai Giyorgis tornou-se professor dos reis, dos sacerdotes do Tabernáculo e de todos os grandes da casa real; da *nebura ed*, dos oficiais e juizes e de todo o campo real. Ele permaneceu para trabalhar no ensino da lei da Torá, para tocar o chifre dos chifres, profecia e para pregar o evangelho do Reino dos Céus. Ele praticou a lei do governo de nossos pais apóstolos e tocou a lira dos salmos de Davide com a canção de Salomão seu filho.¹⁷⁴

A hagiografia de Giyorgis de Saglā traça assim a excepcional carreira deste monge que foi um eminente teólogo a serviço da causa real. A Vida do santo sublinha sua proximidade com o poder real. Paralelamente a essas complexas relações de cooperação entre monges e reis, movimentos monásticos dissidentes se desenvolveram na Etiópia cristã nos séculos XIV e XV.

Quando os monges são inimigos do rei: os movimentos monásticos heterodoxos e o desafio ao poder real (século XIV - XV)

O monge heterodoxo Ēwostātēwos e a controvérsia sobre o sábado no norte da Etiópia (1320 – 1404)

Aqui está uma passagem do relato hagiográfico deste do *gadla Ēwostātēwos* (Vida de São Ēwostātēwos):

Nos dias de Amda Šeyon, rei da Etiópia, houve o exílio de homens e mulheres, monges e padres. Pois o rei lhes havia pedido: 'Comunique-se comigo em oração'. Mas todos eles responderam ao rei com uma só voz: 'Certamente não nos uniremos a você porque você se casou com a esposa de seu pai, o que a lei proíbe'. Novamente o rei lhes perguntou: 'Comunique-se [comigo]!' Mas 'abbā Bašalota e 'abbā Ēwostātēwos com todos os abades se opuseram a ele com uma só voz: 'Não obedeceremos a sua palavra

¹⁷³ Derat (2003, pp. 174-189).

¹⁷⁴ Colin (1987, pp. 21-24)

nem cumpriremos seu comando'. Faça conosco o que desejar, pois estamos firmemente decididos a perseverar na lei de nosso Deus. Como diz nosso Senhor no Evangelho, 'Bem-aventurados os que são perseguidos por justiça'. E depois disso, o rei os exilou e nosso pai Ēwostātēwos foi para o exílio no tempo de Nagada Krestos, governador (*makwannen*) do Sarāwē. E o número daqueles que foram exilados com ele foi de 1000.¹⁷⁵

Quem é Ēwostātēwos? Por que motivos ele foi exilado no início de 1337 pelo rei Amda Šeyon? O monge Ēwostātēwos (c. 1273-c. 1352) foi responsável pelo surgimento de um importante movimento monástico.¹⁷⁶ Ēwostātēwos desenvolveu uma exegese radical promovendo a observância estrita dos dois sábados, a saber, o *sanbata ayhud*, o sábado dos judeus, e o *sanbata krestiyān*, o sábado dos cristãos, a fim de concretizar e reconciliar a antiga e a nova aliança. Desta forma, ele despertou o apoio de numerosos discípulos, os eustathianos, que por sua vez espalharam as idéias de seu mestre. Entretanto, as autoridades eclesiásticas apontaram o caráter heterodoxo de sua apologia do sábado. De fato, desde o Concílio de Laodiceia, que foi realizado no século IV, o descanso total no sábado foi formalmente proscrito; esta prática foi considerada judaizante. Ēwostātēwos também castigou a corrupção da moral da aristocracia e consequentemente recusou qualquer subordinação ao poder temporal. Ele entrou em conflito com a governante Amda Šeyon (1314-1344), e depois com Warāsina 'Egzi', governador da Sarā'ē, uma província do norte do reino. O rei ordenou seu exílio e o governador o expulsou de suas terras. Apesar do exílio de seu mestre e das perseguições, os eustathianos multiplicam as fundações monásticas no norte da Etiópia. O surto de perseguição entre 1398 e 1404 forçou os monges a se dispersarem. Entretanto, na virada do século XV, o movimento eustathiano dominou uma grande parte do norte da Etiópia, ameaçando a unidade religiosa do reino. Ao mesmo tempo, um número crescente de estudiosos e clérigos defendeu a observância do primeiro sábado, como Giyorgis de Saglā. Em 1404, o rei Dāwit mudou repentinamente a política real e pôs um fim às perseguições. Ele permitiu a prática do duplo sábado nas províncias do norte do reino.



Imagem 2 - *Gadla Ēwostātēwos*
(*Vida do monge Ēwostātēwos*),
século XVII Biblioteca Giordaniiana
(Veroli, Itália)
© Olivia Adankpo (2012)

¹⁷⁵ Tradução pessoal do manuscrito Mss Vatican, BAV, Vat. Aeth. 46, f. 54r-55v.

¹⁷⁶ Sobre este monge e seu movimento monástico ver Lusini (1993) e, mais recentemente, Adankpo-Labadie (2022).

Estifânos e o surgimento de um movimento monástico dissidente (primeira metade do século XV)

No final do século XIV, uma série de dissidências religiosas se desenvolveu na Etiópia.¹⁷⁷ Isto se deveu em parte à difusão de numerosos escritos apócrifos e à autonomia de muitos mosteiros. Além de Ēwostātēwos, outros grupos heterodoxos ou personalidades surgiram então durante a primeira metade do século XV: Za-Mikā’ēl e ‘Aṣqā, que desafiaram o dogma da Trindade, Ferē Māḥbar, acusado de empregar analogias trinitárias enganosas, e os seguidores do monge Estifânos, chamados estefanitos, condenados por sua recusa em adorar a Virgem. A proliferação de idéias consideradas “heréticas” parecia ameaçar a unidade da Igreja etíope. Estes monges foram convocados onde os maiores dignitários do reino. Os monges “hereges” foram severamente punidos, como por exemplo o martírio de monge Estifânos:

O rei ordenou que fossem trazidos à sua presença. Ele convocou os metropolitanos e os fez sentar com ele. Então o rei disse ao santo: ‘Por que você não inclina sua cabeça em prostração?’ O santo lhe disse: ‘Não há nenhum mandamento na Lei para nos curvamos, como você diz’. Pelo contrário, ela nos ordena a nos prostrarmos diante de Deus. Mas não nos peça para nos prostrarmos. Oração e bênção são suficientes para você. O rei lhe disse: ‘Por que então você continua me dizendo: ‘Você’? O santo lhe disse: ‘Por que eu não lhe digo? Você não é um homem? Pois está escrito no Antigo e no Novo Testamento: “A um homem, que seja dito como a um e não como a muitos”’.¹⁷⁸

De fato, o rei censura o santo por desrespeitá-lo. Desde a ascensão ao trono de Zar’a Yā’eqob na Etiópia em 1434, Estifânos e seus seguidores, que são chamados “estefanitos”, sofrem perseguição e têm que se exilar nas margens norte do reino. Os estefanitos também foram vítimas da vingança de uma parte do clero etíope, que os repreendeu por não adorarem a Virgem e por se oporem à doutrina milenar do Monte Sião.¹⁷⁹ A disputa sobre o movimento estefanito foi uma das mais importantes crises religiosas e políticas do reino cristão da Etiópia na Idade Média. As fontes relacionadas à crise estefanita mostram uma profunda ambiguidade, uma vez que as acusações de heresia muitas vezes encobrem suspeitas de insubordinação política. Os estefanitos foram provavelmente punidos mais por sua insubordinação ao rei do que por sua doutrina.

Os monges enfrentaram o projeto teológico-político do rei Zar’a Yā’eqob (1434-1468)

A adesão ao poder de Zar’a Yā’eqob, cujo nome do reinado era Constantino, em 1434, perturbou profundamente o destino desses movimentos heterodoxos. De fato, o reinado de Zar’a Yā’eqob difere do de seus predecessores em vários aspectos. A documentação de seu reinado é excepcional.¹⁸⁰ Além de uma crônica real relatando os principais episódios de seu reinado e o de seu filho e sucessor Ba’eda Māryām, o rei supervisionou a redação de numerosos escritos refletindo a ideologia real. Estes vários traços textuais transmitem a imagem de um governante agindo como o verdadeiro chefe da Igreja etíope.

Zar’a Yā’eqob desenvolveu, muito mais do que Amda Ṣeyon, Dāwit e Yeshāq, um projeto teológico e político denso e complexo que faz uso extensivo da palavra escrita.¹⁸¹ Esta comunicação política serve às suas múltiplas ambições. Destes, o desejo de enquadrar a Igreja etíope e moldá-la ao seu gosto é o mais óbvio. Zar’a Yā’eqob procura assim controlar

¹⁷⁷ Beylot (1995, pp. 165-187) e Piovanelli (1995, pp. 189-228).

¹⁷⁸ Reproduzi aqui a tradução inédita de Robert Beylot, baseada em fotografias de Roger Schneider. Veja a nova edição e tradução em Getatchew Haile (2006, pp. 62-67 e pp. 53-58).

¹⁷⁹ Beylot (1997, pp. 119-132)

¹⁸⁰ Derat (2005) e Hirsch (2009).

¹⁸¹ Hirsch (2009, p. 464-468).

todos os aspetos da vida religiosa, sejam eles relacionados à liturgia, devoção ou teologia. Acima de tudo, ele defendeu a ortodoxia e arbitrou disputas religiosas como a relativa aos estefanitos. Ele controla efetivamente os dois bispos egípcios Mikā'ēl e Gabre'ēl. Ele desenvolve sem precedentes o culto mariano em todo o reino, cuja devoção é obrigatória. Este rei torna a palavra escrita um verdadeiro instrumento de governo para sua glória. Este extrato do *Maṣḥafa Berhān* (*Livro da Luz*), descrevendo o conselho de Dabra Meṭmāq em 1450, mostra a concepção do rei Zar'a Yā'eqob de seu poder:

Mais uma vez tenha compreensão! Para o Senhor misericordioso, que desejava uma oportunidade [de mostrar] sua misericórdia a todos os homens, revelaram a glória dos sábados a nossos santos e venerados pais metropolitanos 'abbā Mikā'ēl e 'abbā Gabre'ēl, que não tinham sido revelados aos outros pais metropolitanos da Etiópia que vieram antes deles. E isso aconteceu no dia 21 do mês de yakkātīt, dia da festa de Nossa Senhora, enquanto estávamos em Dabra Meṭmāq, no décimo sexto ano em que o Senhor nos instalou no trono de Dāwit, nosso pai, rei da Etiópia, chefe dos reis. Dissemos a nossos pais metropolitanos 'abbā Mikā'ēl e 'abbā Gabre'ēl, "Por que razão os homens violaram o sábado?" Nas Escrituras não encontramos nada que a suprima, mas pelo contrário, [apenas textos] que a glorificam, nada no 'Orit (Octateuco), nada nos Profetas, nada no Evangelho, e nada nos Apóstolos. Para nossos pais, Pedro e Paulo, o chefe dos Apóstolos, deram no *Sēnodos* a enumeração dos cinco dias, que são os dias de atividade, e os dois dias, que são os dias de descanso, dizendo: "Durante cinco dias façam seu trabalho, mas no sábado e no domingo não façam nenhum trabalho". Quando ouviram isso, nossos pais metropolitanos 'abbā Mikā'ēl e 'abbā Gabre'ēl concordaram conosco que o sábado dos dois sábados deveria ser honrado, e escreveram com suas próprias mãos que deveriam ser observados.¹⁸²

Como podemos ver, é ele quem estabelece as estruturas da ortodoxia e organiza a Igreja de acordo com um projeto teológico-político. O governante decide autorizar a observância dos dois sábados, reclamada pelos seguidores de Ēwoṣtātēwos, com base em textos bíblicos e para-bíblicos. Desta forma, ele tende a igualar a ação do imperador romano Constantino.

Esta visão do poder real, que faz do rei o protetor da Igreja, tem muitas semelhanças com a situação no Ocidente na Idade Média e no Império Bizantino. Este modelo de uma realeza dinástica e sagrada tem paralelos com o modelo do sacerdote bizantino ou monge - rei. Também seria relevante comparar a prática e a concepção de poder dos reis etíopes no final da Idade Média com a dos reis cristãos do reino do Kongo.¹⁸³



Imagem 3 - Mosteiro de Dabra Bakwer fundado no século XV
© Olivia Adankpo (2012)

¹⁸² Conti-Rossini & Ricci (1964-1965, pp. 153-155).

¹⁸³ Este é o objetivo do emergente projeto ETHIOKONGMED que visa estudar as relações diplomáticas, religiosas e culturais entre os reinos cristãos da Etiópia e do Kongo e as potências católicas mediterrâneas nos séculos XV e XVI, utilizando uma abordagem multidisciplinar e comparativa:

Referências bibliográficas

- Adankpo-Labadie, O. (2022). Les disciples d'Ēwostātēwos et l'invention d'un mouvement monastique hétérodoxe dans l'Éthiopie médiévale (XIV^e – milieu du XV^e siècle). Rome: Publications de l'École française de Rome (na imprensa).
- Bausi, A. (2016). La leggenda della Regina di Saba nella tradizione etiopica . In Battiato, F., Hartman, D., & Stabile, G. (Eds.), La regina di Saba, un mito fra Oriente e Occidente. Atti del seminario diretto da Riccardo Contini, Napoli, Università "L'Orientale", 19 novembre 2009-14 gennaio 2010 (pp. 91-162). Napoli: Università "L'Orientale".
- Benoît-Meggenis, R. (2017). L'empereur et les moines; les relations du pouvoir impérial avec les monastères à Byzance (IX^e-XIII^e siècle). Lyon : Maison de l'Orient et de la Méditerranée.
- Beylot, R. (1995). La controverse sur le sabbat dans l'Église éthiopienne . In Le Boulluec, A. (Ed.), La controverse religieuse et ses formes (pp. 165-187). Paris: Le Cerf.
- Beylot, R. (1997). La dissidence stéphanite en Éthiopie au XV^e siècle. In Attias, J.- C. (Ed.), De la conversion p. 119-132. Paris: Le Cerf.
- Beylot, R. (2008). La Gloire des Rois ou l'Histoire de Salomon et de la reine de Saba. Turnhout: Brépols.
- Bezold, C. (1905). Kebra Nagašt, Die Herrlichkeit der Könige: nach den Handschriften in Berlin, London, Oxford und Paris. München: Akademie der Wissenschaften.
- Budge, E. A. W. T. (1922). The Queen of Sheba and her only son, Menyelek, London-Liverpool: The Medici Society.
- Brita, A. (2010). I racconti tradizionali sulla «Seconda Cristianizzazione» dell'Etiopia. Il ciclo agiografico dei Nove Santi. Napoli: Università degli studi di Napoli l'Orientale.
- Colin, G. (1987). Vie de Georges de Sagla. (CSCO 492/Scriptores aethiopici 81 [vol. 1]; CSCO 492/Scriptores aethiopici 82 [vol. 2]). Louvain: Secrétariat du CorpusSCO.
- Colin, G. (2002). La gloire des rois (Kebra Nagašt). Épopée nationale de l'Éthiopie. Genève: Patrick Cramer Éditeurs.
- Colin, G. (2017). Saints-fondateurs du christianisme éthiopien. Frumentius, Garimā, Takla Hāymānot, Ēwostātēwos. Paris: Les Belles Lettres
- Conti-Rossini, C. (1905). Vita sanctorum indigenarum, I. Acta S. Baṣalota Mikā'ēl et S. 'Anorewos. (CSCO 28/Scriptores aethiopici 11 [vol. 1]; CSCO 29/Scriptores aethiopici 12 [vol. 2]). Louvain: Secrétariat du CorpusSCO.
- Conti-Rossini, C., & Ricci, L. (1964-1965). Il libro della luce del negus Zar'a Yā'eqob (Maṣḥafa Berhān). (CSCO 250/Scriptores aethiopici 47 [vol. 1]; CSCO 251/Scriptores aethiopici 48 [vol. 2]). Louvain: Secrétariat du CorpusSCO.
- Derat, M.-L. (2003). Le domaine des rois éthiopiens (1270-1527). Espace, pouvoir et monachisme. Paris: Publications de la Sorbonne.
- Derat, M.-L. (2005). Les homélies du roi Zar'a Yā'eqob : la communication politique d'un souverain éthiopien du XV^e siècle. In Bresson, A., Cocula, A.-M., & Pébarthe, C. (Eds.), L'écriture publique du pouvoir (pp. 45-57). Bordeaux: Ausonius.
- Derat, M.-L. (2012). Moines et *scriptorium* dans le royaume d'Éthiopie aux XIV^e et XV^e siècles. Histoire, monde et cultures religieuses, IV, n° 24, pp. 65-77.
- Derat, M.-L. (2017). Introduction. In Colin, G., (Trad.), Saints-fondateurs du christianisme éthiopien. Frumentius, Garimā, Takla Hāymānot, Ēwostātēwos (pp. LVIII-LXXII). Paris: Les Belles Lettres.
- Derat, M.-L. (2018). L'énigme d'une dynastie sainte et usurpatrice dans le royaume chrétien d'Éthiopie du XI^e au XIII^e siècle. Turnhout: Brépols.
- Fauvelle-Aymar, F. -X., & Hirsch, B (2001). Aksum après Aksum. Royauté, archéologie et herméneutique chrétienne de Ménélik II (r. 1865-1913) à Zār'a Ya'qob (r. 1434-1468). Annales d'Éthiopie, 17, pp. 59-109.
- Getatchew Haile (1981). Religious Controversies and the Growth of Ethiopic Literature in the Fourteenth and Fifteenth Centuries. Oriens Christianus, 65, pp. 102-136.
- Getatchew Haile (1982-1983). The Monastic Genealogy of the Line of Takla Hāymānot of Shoa. *Rassegna di studi etiopici* 29, pp. 23-25
- Getatchew Haile (2006). The Ge'ez Acts of Abba Estifanos of Gwendagwende, (CSCO 619/Scriptores aethiopici 110 [vol. 1]; CSCO 620/Scriptores aethiopici 111 [vol. 2]). Louvain: Secrétariat du CorpusSCO.
- Hirsch, B., & Kropp, M. (Eds.) (2003). Heilige, Biographien und Geschichte in Afrika. Frankfurt am Main: Peter Lang.
- Hirsch, B. (2003). L'étrangeté des sources. Réflexions sur les archives historiques de l'Éthiopie ancienne. Hypothèses. Travaux de l'École doctorale d'histoire, 1, pp. 321-329.
- Hirsch, B. (2009). Les écrits du roi Zar'ā Yā'eqob. In Boucheron, P., (Ed.), Histoire du monde au XV^e siècle (pp. 464-469). Paris: Fayard.
- Kaplan, S. (1984). The Monastic Holy Man and the Christianization of early Solomonic Ethiopia, Wiesbaden: Franz Steiner.
- Kaplan, S. (2007). Monasteries. In Uhlig, S., (Ed.), Encyclopaedia Aethiopica, vol. 3 He-N (pp. 987-993). Wiesbaden: Harrassowitz Verlag.
- Kaplan, S. (2014). Monasticism. In Bausi, A., & Uhlig, S., (Ed.), Encyclopaedia Aethiopica, vol. 5 Y-Z, *Addenda, Index* (pp. 443-447). Wiesbaden: Harrassowitz Verlag.

- Kelly, S. (Ed.). A Companion to Medieval Ethiopia and Eritrea. Leiden: Brill.
- Lusini, G. (1993). Studi sul monachesimo eustaziano (secoli XIV- XV). Napoli: Istituto Universitario Orientale.
- Lusini, G. (2011). Le monachisme en Éthiopie. Esquisse d'une histoire. In Jullien F., & Pierre M. – J. (Eds.), Monachismes d'Orient. Images, échanges, influences. Hommage à Antoine Guillaumont (pp. 133-147). Turnhout: Brépols.
- Lusini, G. (2020). Chapter 8: The Ancient and Medieval History of Eritrean and Ethiopian Monasticism: An Outline. In Kelly S., A Companion to Medieval Ethiopia and Eritrea (pp. 194-216). Leiden: Brill.
- Munro-Hay, S. (2001). A Sixth Century *Kebra Nagašt* ?", *Annales d'Éthiopie*, 17, 2001, p. 43-58.
- Phillipson, D. (1998). Ancient Ethiopia. Aksum, its Antecedents and Successors. London: British Museum Press.
- Piovanelli, P. (1995). Les controverses théologiques sous le roi Zar'a Yā'eqob (1434-1468). In Le Boulluec, A. (Ed.). La controverse religieuse et ses formes (pp. 189- 228). Paris: Le Cerf.
- Piovanelli, P. (1995). The Apocryphal Legitimation of a "Solomonic Dynasty" in the *Kebrä nāgäšt* – A Reappraisal. *Aethiopica* 16, pp. 7-44.
- Robin, C.-J. (2017). L'arrivée du christianisme en Éthiopie. In Colin, G., (Trad.), Saints-fondateurs du christianisme éthiopien. Frumentius, Garimā, Takla Hāymānot, Ēwostātēwos (pp. XXII-LVI). Paris: Les Belles Lettres.
- Tamrat, T. (1972). Church and State in Ethiopia, 1270-1527. Oxford: Clarendon Press.
- Thélamon, F. (1981). Païens et chrétiens au IV^e siècle. L'apport de l'« Histoire ecclésiastique » de Rufin d'Aquilée. Paris: Études augustiniennes.